

**SOBRE TESTEMUNHO E DITADURAS: UMA LEITURA EM TRÂNSITO DE
VOLTO SEMANA QUE VEM (2015), DE MARIA PILLA
LILIAN BECKER OLIVEIRA¹;
; RENATA OVENHAUSEN ALBERNAZ²**

¹Universidade Federal de Pelotas – lilianbecker@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – renata.ovenhausen@ufrgs.br

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa versa sobre a relação entre as memórias traumáticas e a literatura de testemunho produzida acerca do período ditatorial argentino e brasileiro na obra *Volto semana que vem* (2015), da brasileira Maria Regina Pilla. Nessa perspectiva, a produção literária e a memória estão intrinsecamente ligadas, uma vez que a sua escrita precede recordações do contexto sócio-histórico partindo de uma memória individual e coletiva. Desse modo, na América Latina, e em especial nos países pertencentes ao Cone Sul, percebe-se que o trauma gerado pelas ditaduras militares supera o corpo físico e transborda para o corpo textual fazendo-se presente em inúmeras produções literárias que narram as tragédias dos regimes autoritários. Estes perpetuaram durante anos o cerceamento dos direitos humanos, a violência física e psicológica, negaram o acesso à identidade dos indivíduos e proporcionaram uma fissura e um luto interminável nas gerações posteriores.

Pensar e pesquisar o luto latino-americano através das expressões artísticas é um ato importante dado que, segundo Albuquerque-Junior (2007), é imprescindível para os seres humanos trabalhar a realidade traumática de maneira simbólica. Logo, uma possibilidade de trabalhar com a literatura de testemunho é a partir dos estudos da memória transcultural. Para Erll (2011), os estudos transculturais, quando inseridos na temática de memórias traumáticas, favorecem uma perspectiva síncrona, a partir da circulação das representações, como também diacrônica, na dimensão da memória, ao evocar os passados no presente. Ademais, ainda de acordo com essa autora, os estudos da memória transcultural adotam a perspectiva mnemohistórica, ou seja, a memória a partir da perspectiva histórica. Nessa perspectiva, Smolka (2000) advoga que o discurso é o pilar essencial na associação entre memória humana e a história. Desse modo, a literatura é compreendida por essa teoria como um meio de viagem pelos campos da memória que reconstrói histórias a partir da construção de narrativas.

Caimi (2021) reconhece uma carência na cultura da memória no que diz respeito ao testemunho de mulheres atuantes nos movimentos militantes a favor da democracia ao longo das ditaduras militares. Nesse seguimento, a pesquisadora entende que ao narrar suas histórias de vida, as mulheres vão de encontro com as narrativas oficiais dominantes ao “re-interpretar o discurso histórico dominado por homens” (Caimi, 2021, p. 349). No campo literário, as escritas de autoria feminina têm lutado para ocupar espaço no mercado editorial e nos prêmios literários objetivando romper com o silêncio feminino na criação de uma História da Literatura. A esse respeito, Figueiredo (2017) aponta um aumento nos últimos anos de mulheres narrando a temática do trauma, o que provoca a necessidade de investigações e trabalhos sobre suas escritas.

Diante do que foi exposto, a investigação objetiva compreender de que maneiras a obra autobiográfica *Volto semana que vem* (2015), de Maria Regina Pilla, reconstrói a memória traumática de ter vivido as ditaduras militares brasileiras e argentina, sendo uma presa política nesta última. Sendo importante ressaltar a

linha tênue entre sujeito biografado e os discursos literários que possuem uma reestruturação simbólica e estética que, muitas vezes, oscilam entre ficção e realidade.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizado o levantamento de teses e dissertações acerca da temática da literatura de testemunho produzida na América Latina, especialmente no Brasil. Para tanto, foi consultado os sítios eletrônicos de referência no que diz respeito à produção acadêmica, a saber: Banco de Teses e Dissertações – CAPES, Domínio Público, entre outros. Ademais, também houve a busca de artigos e resumos produzidos acerca do assunto por meio do Scielo, Google Acadêmico e afins. A partir desse primeiro passo, foi possível avançar para uma leitura mais detalhada e refinada dos textos selecionados com o fito de compreender a produção da literatura de testemunho latino-americana, em especial a produzida por mulheres. Desse modo, a presente pesquisa enquadra-se como qualitativa, a qual adota uma abordagem bibliográfica definida por Severino (2017) como uma técnica importante para elaborar uma bibliografia referente ao tema da pesquisa.

Posteriormente, optou-se pela análise literária da obra *Volto semana que vem* (2015), de Maria Pilla, objetivando a compreensão das estruturas narrativas, bem como as memórias descritas na autobiografia por meio do personagem-narrador, sobretudo no que diz respeito à memória da autora das ditaduras militares argentina e brasileira. Nesse sentido, é possível compreender como a literatura de testemunho como um espaço de reflexão que possibilita ampliar as discussões acerca das memórias traumáticas femininas. A pesquisa ainda está em andamento e necessita de mais informações a respeito dos possíveis desdobramentos da relação entre memória, história e literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao abordarmos a literatura de testemunho, Marco (2004) relata a existência de duas concepções possíveis: uma na produção literária latino-americana pós-ditatorial; e outra referente às reflexões sobre Shoah. Para esta pesquisa, nos valem da primeira concepção. Assim, Seligmann-Silva (2008) salienta que o ato de narrar um testemunho está relacionado à memória. Ou seja, no processo de criar uma narrativa que vise expor um determinado testemunho ocorre tanto um processamento das lembranças, como uma leitura do passado. Dessa maneira, é deixado para gerações posteriores um documento do que foi vivido em um dado momento. No tocante à estruturação de um testemunho, Marco (2004) elenca alguns pilares, sendo considerados “‘pré-textos’ os testemunhos imediatos – depoimentos, cartas, diários, memórias, autobiografias – bem como outros discursos não ficcionais – biografias, testemunhos etnográficos e historiográficos.” (Marco, 2004, p. 47). Neste campo, Marco (2004) afirma que os testemunhos que servem como espaço para vozes subalternas reivindicarem seu discurso podem provocar análises vinculadas aos estudos culturais enriquecendo, igualmente, os estudos memorialísticos.

Pensar a narrativa do trauma a partir da perspectiva da autoria feminina remete também a esse corpo inserido em uma cultura patriarcal e misógina, o qual foi exposto e torturado durante a ditadura militar. A esse respeito, Jelin (2002) explicita que ao longo das intervenções militares em países do Cone Sul as repressões eram diferentes entre homens e mulheres em razão de suas posições sociais no sistema de gênero. Nessa perspectiva, Jelin (2002) elucida que o corpo feminino era um sinônimo de “objeto sexual” para os torturadores na medida em que sofriam diversas violações. Por outro lado, a pesquisadora revela que as

agressões que os homens passavam pretendiam desvesti-los de sua virilidade tornando-os passivos e “feminilizados”. Mais uma vez, o feminino está associado ao passivo e de forma ofensiva. Nessa linha, Guardia enfatiza que “nesses anos de rejeição à marginalização e à opressão que as mulheres sofriam possuíam uma conotação muito próxima ao clima de repressão e a falta de liberdade política imposta pela ditadura [...]” (Guardia, 2013, p. 29). Portanto, é possível compreender que ao propor um aprofundamento na leitura literária de *Volto Semana que vem* (2015), percebe-se a tentativa de renascimento da sua identidade apesar daquelas memórias traumáticas, assim como a utilização da arte para expor discursos que vão de encontro com os que ainda prevalecem a favor dos algozes em nossa sociedade.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, pode-se dizer que o estudo realizado até o momento mostra aspectos relevantes para as atuais discussões sobre memórias traumáticas e igualmente para o campo da literatura de testemunho. Pois, além do apagamento de mulheres na história da luta a favor da democracia nos regimes militares, houve também sua marginalização no que diz respeito as escritas de testemunhos. Desse modo, para Mello (2020), a narrativa escrita a partir das experiências de mulheres que sofreram as dores das ditaduras militares proporciona uma nova perspectiva na história. Nessa literatura, “[...] é lícita a informação de que a questão da mulher, no referido período histórico, caminha contígua à da Ditadura Militar, muitas vezes, revelando, por meio da construção das personagens, a dificuldade de ser mulher [...]” (Mello, 2020, p. 42). Noutros termos, o testemunho feminino desestrutura a construção de uma história única.

Além disso, segundo Mello (2020), a presença de testemunhos de mulheres acerca desta temática serve para ir de encontro com os discursos oficiais colaborando para a ampliação dos estudos e da preservação dessa memória. Nesse sentido, a escrita autobiográfica enquanto um recurso presente na literatura de testemunho é elucidado por Gagnebin (2009) como uma detentora de relevância a nível coletivo. Em outras palavras, quem escreve a partir de suas experiências deseja contar uma história de si, em uma dança do ficcional com a realidade, que servirá de elaboração traumática e como uma maneira de registrar seu lado objetivando preencher as lacunas na história – embora essa tentativa jamais se concretize de fato. Por conseguinte, Umbach (2013) observa que as escritas memorialísticas e autobiográficas nasceram de um anseio de escritoras e escritores em escancarar as dores e traumas sofridos pela dura experiência humana de viver sob regimes autoritários que cercearam direitos humanos. Desse modo, a presente pesquisa ainda em andamento se propõe a explorar a encruzilhada presente em compreender as memórias traumáticas, bem como evidenciar a presença de mulheres, em especial a autora da obra, como militante atuante nas guerrilhas contrárias aos regimes de exceção que assolaram o solo latino-americano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A arte de inventar o passado**. São Paulo: EDUSC, 2007.

CAIMI, Cláudia Luiza. Resistência política e gênero na narrativa Latino-Americana. In: NEUMANN, Gerson Roberto; RICHTER, Cintea; DAUDT,

Marianna Ilgenfritz. **Literatura comparada: ciências humanas, cultura, tecnologia**. Porto Alegre, RS: Class, 2021. p. 345-362.

ERLL, Astrid. Traumatic pasts, literary afterlives, and transcultural memory: new directions of literary and media memory studies. **Journal of Aesthetics & Culture**, v.3, n.1, p. 1-5, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A Literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Entre moi et moi-même (Entre eu e eu-mesmo, Paul Ricoeur). In: GALLE, H. et alii (Org.). **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009. p. 133- 139.

GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura e escrita feminina na América Latina. **Anuário de Literatura**. [S. l.], v. 18, p. 15-44, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175917.2013v18nesp1p15>. Acesso em: 12 jun 2023.

JELIN, Elizabeth. El género em las memorias. In: JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002, p. 99-115.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política [online]**, n. 62. p. 45-68. 2004.

MELLO, Evelyn, Literatura, feminismo e ditadura: possíveis caminhos da crítica literária para uma leitura de obras escritas por mulheres no período do regime militar brasileiro. **Itinerários – Revista de Literatura**, n. 50, p. 37-55, 2020.

PILLA, Maria. **Volto semana que vem**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 65-82, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 1.ed. São Paulo: Cortez Editora. 2017.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade [online]**, v. 21, n.71, p. 166-193, 2000. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/es/i/2000.v21n71/>>. Acesso em 23 jul 2023.

UMBACH, Rosani Úrsula Ketzer. Memórias autobiográficas em narrativas pós-ditatoriais. **Letras de hoje**, v. 48, n. 4, p. 476-483, 2013.